

IMORTAIS DA ACADEMIA
EPISÓDIO 17 – A SERVIÇO DA CULTURA NACIONAL

01:00:17:19

ABERTURA

01:00:22:15

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,
Arte e ciência, pensamento e memória,
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

01:01:03:20

VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia

01:01:26:13

FLÁVIO TAVARES – Jornalista e escritor

O Afonsinho Arinos, ou melhor, o Affonso Arinos Filho, vem de uma estirpe que em si mesmo é parte da política brasileira. Inclusive desde o império, mas fundamentalmente na república. Os Mello Franco, Arinos de Mello Franco, de Minas se irradiaram para o país inteiro, e depois até para o exterior. Então, o Afonsinho, que foi com quem, dos Arinos foi com quem obviamente, pude ter intimidade, com quem eu tenho intimidade, encarnou, resumiu em si mesmo, na sua atividade como diplomata, como deputado, como homem de letras, a história dos Arinos, que é uma saga muito bonita, dos Mello Franco. Então os Mello Franco, os Arinos de Mello Franco se incorporam a vida brasileira pela política e depois pela diplomacia, ou vice e versa. É uma espécie de justa posição.

Affonso Arinos de Mello Franco

Posse em 1999

01:02:31:07

VIDEOGRAFISMO – Cadeira 17: A serviço da cultura nacional

01:02:39:21

FLÁVIO TAVARES – Jornalista e escritor

Teve a sua atividade política após o golpe de 1964, quando havia uma censura implícita em todos. Na nação inteira. Quando havia um fechar a boca da nação inteira. Então ter determinadas posturas, ainda que no discurso na Câmara dos Deputados, era uma ameaça a si próprio. E o Afonsinho Arinos, filho do senador Affonso Arinos, que havia sido o Ministro de Relações Exteriores do Estado de Minas Gerais, quando o estado de Minas Gerais se rebela e recebe o apoio dos Estados Unidos para dar o golpe, e o velho Affonso Arinos foi o Ministro das Relações Exteriores, digamos assim. E o Afonsinho, deputado, toma uma posição, num momento difícil de se tomar posição, era o momento mais difícil de se ter uma visão crítica, quanto menos ter uma visão contrária a ditadura. Não se chamava ditadura de ditadura. Ninguém chamava ditadura de ditadura. Jamais. E o Afonsinho, eu não vou dizer que ele divergiu do pai, mas ele tomou uma posição independente do pai. Até porque o amor filial profundo, é profundo. Não é

um lugar comum que eu estou dizendo, amor filial. É profundo a estória. Eles se beijavam, que eu acho muito bonito, mas naquela época era insólito isso. Um filho não beijava o pai. Ele sempre beijou o velho Affonso Arinos, e a mãe. E ele toma uma posição independente do pai. Não foi contrário, mas foi independente. O pai pensava de um lado, agia de uma forma como senador, e ele agia de outra forma como deputado. Isso é o que o marca profundamente para todos nós em Brasília. À partir desse momento, da colisão com a ditadura militar, ele se transforma dia a dia mais digamos, numa visão que hoje se diria de esquerda do mundo. Um social democrata, para usar uma terminologia europeia, sendo um socialista democrático, não autoritário, com uma profunda visão de independência. Eu acho que isso é a grande característica dele, e até na obra dele. Há um livro dele, Tramonto, que é um livro sobre a saga da família, que é sobre a política brasileira. É um livro de memórias. Muito bonito, muito bem escrito, que ele mostra uma visão muito independente da política brasileira ao descrever cenas da sua própria família, que sempre teve, através de seus ancestrais uma posição muito marcada. Posição liberal por um lado, mas também conservadora por outro.

01:05:30:20

OFF

“Desde os albos da minha formação, o quántuplo destino familiar da diplomacia, da política, das letras, da história e do direito se me apresentou como horizonte incontornável, do qual nunca pretendi desviar-me, mas que, ao contrário, sempre me atraiu.”

Discurso de posse na ABL

Affonso Arinos de Mello Franco

01:05:54:18

FLÁVIO TAVARES – Jornalista e escritor

A trajetória política do Afosinho foi uma trajetória progressista. Ele não serviu jamais a nenhuma força conservadora. Nem sequer quando deputado estadual do Rio de Janeiro, da Guanabara com Carlos Lacerda. Não. Ele quando teve que divergir do Lacerda, divergiu. Quando teve que apoiar-lo, apoiou. Eu acho que essa característica é insólita, é inusitada, hoje, no Brasil do século 21, onde a política se transformou naquilo que todos sabemos em que se transformou.

01:06:29:27

OFF

O atual ocupante da cadeira 17 evoca, com seu nome e sobrenome,
A memória de uma parte da história do Brasil.
Também seu antecessor, Antonio Houaiss, fez de seu nome uma marca,
Verdadeira metonímia da língua portuguesa,
Com a publicação de um dos dicionários mais importantes da atualidade.

01:06:55:20

VIRGINIA LEAL – Professora de linguística UFPE

Eu acho que Houaiss tem uma perspectiva um pouquinho diferente porque ele tem uma formação e uma experiência desse estar no mundo que é extremamente enriquecedora, que é essa experiência dele como diplomata. E que o inscreve numa perspectiva mais à esquerda, numa perspectiva, enfim, politizada que mostra de certo modo um outro tipo de paixão, digamos assim, um outro tipo de amor em relação a língua. Ele se propôs a fazer um dicionário, numa época em que a gente já tinha uns dicionários bem estabelecidos. Caldas Aulete, nós tínhamos já o próprio Aurélio. E, infelizmente ele não chegou a ver a

concretização desse trabalho, porque faleceu um pouco antes da publicação. Mas é um dicionário importante. Foi feita uma equipe enorme, foi construída, foi arquitetada uma equipe enorme, que teve um trabalho extremamente longo, extenuante, de fazer levantamentos de novas palavras que a gente não encontrava em outros dicionários, então houve uma espécie de atualização também dos usos da língua. Então eu acho que é uma contribuição do Houaiss muito bacana.

Antonio Houaiss
Posse em 1971

01:08:26:04

OFF

A situação linguageira do Brasil presente derivou de uma profunda e intensa luta glotofágica e etnocida, pois o português ‘venceu’ comendo línguas e matando culturas – e o português já era, na imensa parte do processo, a língua dos ‘brasileiros’.

A crise de nossa língua de cultura

Antonio Houaiss

01:08:50:24

VIRGINIA LEAL – Professora de linguística UFPE

O que eu acho interessante na perspectiva política dele, esse trabalho que ele fez de observação realmente de algumas situações de violação de direitos humanos, e aí eu insisto, numa época em que não se falava muito sobre isso. Eu li um dos relatórios que ele produziu, e eu achei muito interessante nesse aspecto. Embora desde 48 a gente tenha essa discussão sobre os direitos humanos, mas na verdade, a gente começa mesmo a ver a mídia não parar de falar em direitos humanos é à partir do anos dois mil. E Houaiss morreu em 99, quer dizer, antes disso ele já estava envolvido nessas questões. Porque a gente sabia que tinham conflitos por exemplo na África, mas estava tão distante, e isso não me pertence. E hoje em dia não. Hoje em dia a gente sabe que mesmo distante pertence sim, porque tudo está conectado. Independente de estar conectado ou não, está em jogo essa questão que a gente chama, hoje muito importante, dignidade humana. Então, aquelas pessoas que estão sendo vilipendiadas, marginalizadas em função de preconceitos, oprimidas, elas perecem, precisam dessa efetivação daquilo que foi pactuado já. Não é nem inventar o que teria que se fazer com esses povos. De certo modo a gente tem que inventar novas coisas, porque de 48 pra cá muitas situações foram aparecendo. Ele volta a ter um cargo importante, que ele foi ministro da cultura na época do Itamar Franco, que já chega logo após o impeachment do Presidente Fernando Collor. Primeira situação em que você tem uma movimentação das massas nesse processo que se chamou então de Processo de Redemocratização. Ele vai assumir esse ministério da cultura diante desse quadro. Então as pessoas começam a falar mais de cultura. Cultura popular, o que é exatamente isso, o que é essa cultura. Eu acho que ele iniciou isso e é interessante. Quando eu falo iniciou, é no processo de redemocratização do país após todo um fechamento, uma censura, do golpe militar em 64.

01:11:21:22

OFF

“Tartufo, que eu saiba, não sou. Nem uno, nem múltiplo. Um homem de seu povo, esse em que nasci e a que pertencço e quero servir, sem envaidecer-me de minha ascendência nem cultivar orgulho algum do que quer que seja. Salvo um: o de achar que esta vida humana devia ser digna de ser vivida por todos,

sem discriminações. Com este pensamento constante, que alguém se aplique ao mais insignificante objeto, ainda assim poderá ser humano, desde que posto a serviço do homem.”

Discurso de posse na ABL

Antonio Houaiss

01:12:04:21

VINHETA – Estamos apresentando
Imortais da Academia

01:12:23:07

VINHETA – Voltamos apresentar
Imortais da Academia

01:12:32:00

OFF

O primeiro a ocupar a cadeira 17 da ABL foi Sílvio Romero.
Um dos mais destacados críticos literários de seu tempo,
O fundador pouco temia as polêmicas recorrentes em seu *métier*.

Silvio Romero – Fundador da cadeira 17

01:12:51:01

Regina Lúcia de Faria – Doutora em letras

Ele é um crítico de muitas mudanças de posturas. De vez em quando ele elege Capistrano de Abreu, por exemplo, ele primeiro diz que ele é um grande historiador, e depois ele vai dizer que Capistrano de Abreu é alguém que só se preocupa com minúcias. Veríssimo, para ele José Veríssimo era um crítico sem ideias, só preocupado com o aspecto formal. E tem uma questão aí, o tempo todo vai dar umas alfinetadas em José Veríssimo. Se nós pensarmos, sei lá, levar em consideração os aspectos estéticos, e os aspectos, sei lá, sociológicos, esses aspectos estéticos, ele não enfrenta bem. Mais interessante nele é uma reflexão mais ampla sobre a sociedade. A história da literatura de Silvio Romero tem haver com essa abordagem da literatura não só pelo viés das belas letras, mas também como uma expressão das instituições políticas e sociais.

José Veríssimo – Fundador da cadeira 18

01:14:25:08

OFF

A nós que temos vivido de contrafações indigestas, a nós que não temos vida própria, que somos um dos povos mais deteriorados do globo; que, espécie de contrabandistas do pensamento, não temos a forma das grandes conquistas e das grandes verdades da ciência, só a crítica, a tão desdenhada crítica, nos pode preparar um futuro melhor.

A literatura brasileira e a crítica moderna

Sílvio Romero

01:14:54:28

Regina Lúcia de Faria – Doutora em letras

Silvio Romero vai escrever um livro que vai, para provar que Machado não era um grande escritor. Eu acho que o problema do Silvio Romero nesse livro, que ele levanta os pontos importantes, só que tem que ele lê ao contrário. Ele faz uma leitura equivocada dos pontos que ele levantou. O estilo fragmentado, o vai e vem narrativo, isso vai ser depois valorizado pela crítica. Talvez essa pinimba, essa birra de Silvio Romero em relação a Machado tenha haver com essa, com esse ensaio “A nova geração”, escrito por Machado. E aí Machado faz uma crítica séria à poesia de Silvio Romero, à poesia científica. Ele diz que... quer dizer, Silvio Romero era um autor no mínimo confuso.

01:16:07:02

OFF

A cadeira 17 reúne mentes que estiveram, num ou noutro campo, a serviço da cultura nacional. Dentre eles, o médico e antropólogo Roquette-Pinto, que viu na tecnologia uma aliada da educação. Não à toa, carrega o apelido de pai da radiodifusão no Brasil.

Roquette-Pinto

Posse em 1928

01:16:30:25

Eugênio Bucci – Jornalista e professor

Roquette-Pinto é uma figura para quem gosta de rádio, é uma figura adorada. Porque depois do primeiro teste do rádio no Brasil ele cria a Rádio Sociedade Rio de Janeiro. É uma rádio que depois é doada para o ministério da educação e vira Rádio MEC. Rádio MEC que está no ar no Rio de Janeiro até hoje. É uma, nisso é uma figura adorada, porque ele é um pioneiro, ele inaugura, ele desbrava, ele acredita nesse veículo. Então acho que é por isso que as pessoas dizem que ele é o pai. Ele inaugurou o rádio no Brasil. Ele dizia que o Brasil era um laboratório de antropologia, por causa da miscigenação, e da formação de gente diferente no Brasil. Uma coisa muito curiosa é que ele preside no Brasil um congresso de eugenia, de uma corrente de pensamento que acreditava em raças puras e depuração nessa perspectiva. Mas o Roquette-Pinto fala contra isso. Ele elogia a miscigenação, e apostava que a miscigenação produziria algo de positivo, e sempre insistia que a solução não passaria por uma, vamos dizer assim, um trabalho racial, mas pela educação. Então é uma figura interessante porque, embora próximo da eugenia, ele não era daqueles, como alguns outros brasileiros que queriam embranquecer o Brasil. Ele sempre falou “não se trata de tornar o povo brasileiro branco. Mas se trata de educar os brasileiros de todas as cores.” É quase literal. Ele diz algo assim. Então a figura desse homem, é uma figura sábia, heroica por ter enfrentado situações adversas e de uma aposta muito grande na educação. Ele é hoje reconhecido como um dos grandes educadores do Brasil. E pra ele o rádio era uma ferramenta de educação.

01:19:06:05

OFF

A literatura, muito mais do que as artes plásticas e do que a música, segue sempre a formação da nacionalidade. Depende muito de condições subjetivas, raramente satisfaz apenas os sentidos, exige colaboração, embora muitos aditem, ingenuamente, que obras literárias significativas possam brotar em cérebros insulados.”

Ensaio brasileiro

Roquette-Pinto

01:19:38:24

Eugênio Bucci – Jornalista e professor

Não vamos nos esquecer que o Roquette-Pinto também tem uma presença no cinema. Ele cria com Humberto Mauro uma instituição de cinema, que ele vai dirigir, e as ações dele nesse campo de comunicação sempre tinham o objetivo de educar, de formar. Então, eu gosto de pensar que embora o Brasil tenha uma tradição de rádio e de televisão marcadamente comercial, que o campo comercial da televisão e do rádio acabaram ficando muito fortes, o início da radiodifusão não é comercial, é público. E a figura de Roquette-Pinto encarna muito isso. Roquette-Pinto foi médico, foi diretor da faculdade de medicina, mas acompanhou a missão do Marechal Rondon ainda nos anos dez, filmou os índios. Ele tinha olhos, tinha vocação pra comunicação. E tem uma formação de influência positivista, que acreditava que por meio da ação do Estado, da ação da educação, era possível depurar e melhorar a sociedade, a educação e construir o país.

01:21:18:06

OFF

“Se eu pudesse levar a cada povoação deste continente brasileiro uma palavra sequer; se pudesse ser ouvido pelo povo da minha terra... eu lhe diria: ‘aprende a ler, não para ser letrado, mas para conseguir a educação social indispensável aos filhos de um país moderno; fala aos teus, sempre, da casa em que nasceste, das suas palmeiras, dos seus pinheiros ou dos seus ervais; narra à tua família os farrapos da história comum que conheceres, porque a História do Brasil deve ser a oração dos nossos lares”

Seixos rolados

Roquette-Pinto

VIDEOGRAFISMO

Cadeira 17

Patrono – Hipólito da Costa

Fundador – Silvio Romero

Osório Duque-Estrada

Roquette-Pinto

Álvaro Lins

Antonio Houaiss

Atual – Affonso Arinos de Mello Franco